

## Um homem direito

"Un homme sage ni se laisse gouverner, ni ne cherche à gouverner les autres:  
il veut que la raison gouverne seule et toujours"

La Bruyère, Les caractères

Bastar-me-ia esta página de La Bruyère, para definir o meu prezado colega e velho amigo Pinho Ferreira. De facto, o que segue é redundante, sobretudo para um espírito como o seu, que aprendeu nos Códigos a sobriedade da lei e das palavras suficientes.

Mas pede a retórica que se vá um pouco mais longe e talvez também as razões do coração.

Pois o prezado canonista é, há mais de trinta anos, um colega próximo, não apenas pela maneira de ver a vida, mas também pela de julgar factos, homens e acontecimentos, quando e onde, não raro, espiritualidades aparentes, indigências de espírito e outras coberturas, escondem falta de liberdade interior e rectidão moral.

Dotado de múltiplos talentos – para a arte musical, como para o teatro – capaz de dissertar sobre Ovídio ou Marcial, como de citar uma Catilinária – a língua do Lácio é nele matricial – pregador encomendado com anos de antecedência para as grandes festas da beira mar, é todavia no Direito que mais se reconhece a personalidade do Dr. Pinho Ferreira.

Em qualquer temática, mesmo trivial, submetida ao seu sábio juízo, a análise e respectiva sentença, chega sempre medida, pausada e oportuna, segundo a "recta ratio" dos clássicos.

Partindo deste fundo moral os ídolos do foro ou do teatro não lhe tolgem o julgamento. E não lhe deve ser difícil encontrar no tribunal eclesiástico onde

trabalha ou nos estudos a que submete o seu labor os rios por onde caminham as águas. Talvez de facto a inteligência comece por ser apenas uma questão moral, ou, ao menos, não se possa livrar dela. Pelo menos assim pensavam os clássicos ao julgar a prudência, a virtude reguladora da razão e do julgamento.

O mesmo sentido encontramos no seu trabalho mais reconhecido, o importantíssimo estudo **A Igreja e o Estado Novo na Obra de D. António Ferreira Gomes**, onde analisa a obra deste vulto da Igreja com a mestria de quem tece uma teia, recolhendo os fios da tradição cristã de pensar, condensando-os e redistribuindo-se à medida que a teia avança.

Mas, quem pôde disfrutar da amizade do colega, pôde aperceber-se da inteireza do seu carácter, alheio a todo o tipo de maquinações, deslealdades ou mesquinhezes, trabalhador dedicado e competente, vivendo de si e por si.

Não se deixando governar, nem tentando governar os outros, como assinalava La Bruyère aos homens de carácter!

